

## A OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA E A LITERATURA EM SALA DE AULA: REPRESENTAÇÕES DO DISTRITO FEDERAL A PARTIR DE NARRATIVAS FINALISTAS DE ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS

Gleiser Mateus Ferreira Valério (UnB)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade a análise da proposta das Olimpíadas de Língua Portuguesa (OLP), ou seja, a produção textual do gênero memória, poesia e crônica - obras selecionadas e autores conhecidos, tal como as oficinas realizadas em sala de aula. Para tal, será analisada a leitura das obras da coleção proposta pelas Olimpíadas, as oficinas criadas para as discussões em sala, dando a devida importância ao processo de recepção por parte do leitor/aluno como alvo final e as narrativas criadas por educandos do Distrito Federal nas coletâneas de textos selecionadas pela OLP e a forma com a qual ocupa o lugar de vivência, enquanto elemento essencial na formação da identidade do indivíduo.

**Palavras-chave:** Literatura. Ensino. Recepção. Autoria. Lugar

### Introdução


O presente artigo tem como objetivo analisar o projeto desenvolvido pelo Ministério da Educação, Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP), utilizado e discutido em todo o Brasil com educandos do ensino básico. Para tal, buscamos questionar o trabalho realizado nas escolas a partir do material fornecido pelo concurso, sua viabilidade e importância para promover a leitura do texto Literário em sala de aula e a criação de narrativas dos estudantes a partir das atividades pedagógicas.

Quanto ao material citado, este é composto pelos Cadernos de Oficinas específicas de cada gênero discursivo e literário analisado, a saber: poesia para estudantes de 5º e 6º anos; memórias com foco nos 7º e 8º anos; crônicas para os de 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. Cabe ressaltar que o gênero artigo de opinião, elaborado para o 2º e 3º anos do ensino médio, não será analisado nesta pesquisa por não se relacionar, diretamente, à relação entre Literatura e Ensino, voltado para a escrita de textos argumentativos, produção valorizada para os anos finais da formação básica por ser parte dos processos seletivos como os vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Por mais que, já na apresentação das oficinas, seja clara a intenção de promover a atividade de leitura e a escrita em norma padrão, aparentando uma valorização direta das questões linguísticas, o elemento literário assume grande importância ao ser base das

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras (UnB), Mestre em Literatura e Práticas Sociais (UnB), professor da Secretaria do Estado de Educação do Distrito Federal. Contato: [gleisermateus@hotmail.com](mailto:gleisermateus@hotmail.com)




ações didáticas, centrais nas coletâneas selecionadas para questionar a temática proposta e com um resultado composto de narrativas dos adolescentes.

Sendo assim, em um primeiro momento, será analisada a relação entre Ensino, Recepção, Leitura e Literatura a partir do material que é base para a OLP, apontando os pontos em que este atinge sucesso ou até em suas próprias falhas. Em seguida, serão analisadas as narrativas finalistas de estudantes de escolas públicas na qual se questionará a representação de si e de seu local de fala, tendo como foco principal as localidades situadas nas chamadas Regiões Administrativas, periferia de Brasília, mas que apresentam perspectivas relevantes para se pensar a capital Federal fora do eixo tradicional dos monumentos arquitetônicos de Oscar Niemeyer, voltando-se para o que consideramos aqui a real “beleza” do Planalto Central - seu povo.

### **O processo: Leitura, Ensino e Literatura a partir das coletâneas propostas pelas Olimpíadas de Língua Portuguesa**

Durante o processo das Olimpíadas de Língua Portuguesa, diferente de outros concursos, não é realizada uma avaliação específica na qual os estudantes que possuem as melhores notas são classificados, partindo para as demais fases. E aí encontra-se um dos pontos mais positivos de sua existência, o fato de observar o processo que é realizado durante um período de tempo de aproximadamente um bimestre na qual serão lidas, em aula, poesias, crônicas e memórias, gêneros separados de acordo com a série dos educandos, de autores representativos e valorizados pelo meio acadêmico como Machado de Assis, Rubem Alves, Manoel de Barros, Mario Quintana, Carlos Drummond Andrade, Zélia Gatai, Moacyr Scliar, entre outros.

Além de textos literários, o professor conta com oficinas já elaboradas para que possa conduzir suas aulas e, etapa por etapa, consiga o resultado que é a narrativa do próprio estudante. Por meio de entrevistas, pesquisas, escrita e reescrita ou mesmo da observação do cotidiano, o adolescente é levado a imergir no ambiente do qual é componente principal que é sua comunidade a partir do tema que em todos os anos se repete no projeto – O lugar onde vivo. Pode-se considerar que se trata de uma proposta positiva para a valorização da Literatura em sala de aula e o incentivo ao processo criativo por parte dos estudantes, mesmo com alguns elementos questionáveis de metodologia.




Ao receber a coletânea de textos literários, o educador deve pensar em que ponto conseguirá atrair o educando para a leitura de modo que este perceba sua importância e estabeleça um diálogo com o que é lido, visto ser um ato que transcende as próprias páginas dos livros. A percepção da obra ocupa a mente, a voz, o corpo (ZUMTHOR, 2014). O leitor entra no jogo oferecido pelo texto e nele experimenta uma série de sensações que podem ser de âmbito tanto físico quanto psicológico. Pela experiência de uma cultura leitora baseada em um modo silencioso e individual de contato com o texto, o leitor transforma o tracejar codificado das letras em construções mentais elaboradas que, em sua leitura, assumem formas, dialogam, causam embate e geram prazer.

Mais que a fruição, esta integração entre o leitor, a obra e o mundo abre espaços, expande horizontes e insere os indivíduos numa discussão sobre a sociedade da qual é integrante e deve agir ativamente. Partindo deste pressuposto, a participação do leitor não se dá de maneira puramente contemplativa ou passiva no ato da leitura, ao contrário, espera-se que, ao preencher, com suas perspectivas, a interpretação da obra, promova-se uma resposta e uma interação, sendo a Literatura dialógica, intertextual e polifônica, tal como afirma Bakhtin:

A obra, como a réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre os seguidores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura. A obra é um elo na cadeia da comunicação discursiva; como a réplica do diálogo, está vinculada com outras obras – enunciados: com aquelas às quais ela responde, e com aquelas que lhe respondem; ao mesmo tempo, à semelhança da réplica do diálogo, ela está separada daqueles limites absolutos da alternância dos sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2003, p. 279).


De tal maneira, a leitura de uma obra pressupõe uma posição responsiva por parte do leitor. Não se trata de aceitação completa do que é lido, mas uma relação de diálogo com o texto literário, algo que não deve ocorrer apenas por parte do estudante. No caso de um material como o da OLP, a postura responsiva do professor é essencial. Caso seu trabalho se limite a reproduzir as oficinas em suas aulas, o que inicialmente pode ser uma proposta viável de relação entre Literatura e Ensino pode se tornar um processo torturante que afastará ainda mais o educando do prazer da leitura.



O educador não pode utilizar as coletâneas como uma camisa de força a ser seguida à risca e sem questionamento. Para uma real efetividade da Literatura na escola, necessita-se que se compreenda o educando como um sujeito ativo e participante do contexto histórico, social e cultural no qual está inserido. Assim como deve assumir sua postura como agente da didática proposta em sala. O material fornecido não deve ser o único, mas sim um norte a ser seguido com o qual o educador promoverá relações e interações com experiências e leituras. Para que possa inspirar bons resultados, deve ser, acima de tudo, uma figura inspiradora, tal como afirma Petit (2013) ao questionar o fato de que muitos destes jovens, que comportam as paredes da escola, advirem de comunidades humildes, sem uma cultura leitora ou condições de acessar o texto literário senão por meio de alguém que promova este contato. O professor pode ser este elo que incentive o prazer da leitura, assumindo sua posição de ator fundamental desta ação, sem ditar ideias e submeter o estudante a informações desvinculadas de sua realidade, elemento fundamental para promover uma atitude libertadora da educação (FREIRE, 2014).

Sendo assim, a escola não pode estar desvinculada de maneira nenhuma à realidade da comunidade na qual está inserida. Do mesmo modo, a leitura da obra deve dialogar com as experiências do indivíduo em seu cotidiano, algo que a proposta da Olimpíada faz de maneira muito produtiva ao focar no lugar vivido. Por mais que se traga autores de um período histórico diferente ou de um país distante geograficamente e culturalmente, o trabalho pedagógico é capaz de estabelecer conexões, promover debates e aproximar distâncias. Pensamos assim no ser humano em seu caráter multidimensional, e na educação como a finalidade de formular e resolver problemas essenciais, estimulando a inteligência em geral (MORIN, 2004).

Por esta razão, o educador se insere no contexto do educando enquanto mediador de discussões, propondo a análise do processo histórico na qual este está inserido, levando-o a pensar seu posicionamento enquanto elemento ativo na sociedade. Não se trata de impor ideologias ou forçar este ou aquele pensamento, mas gerar uma visão crítica, reflexiva e propositiva da realidade, algo que pode ter a Literatura como veículo de grande importância para uma efetividade maior, neste encontro com o outro construído no espaço textual, percebido e questionado no âmbito da leitura por meio da recepção. Observamos esta discussão a partir do que afirma Zilberman:




Assim sendo, ao ler, o leitor ocupa-se efetivamente com os pensamentos do outro, como advertia Schopenhauer. Mas essa experiência de substituir a própria subjetividade por outra é única: o indivíduo abandona temporariamente sua própria disposição e preocupa-se com algo que até então não experimentara. Traz para o primeiro plano algo diferente, momento em que vivencia a alteridade como se fosse ele mesmo; entretanto, as orientações do real não desaparecem, e sim formam um pano de fundo contra o qual os pensamentos dominantes do texto assumem certo sentido. Também por esse lado a relação entre os dois sujeitos – o leitor e o texto – é dialógica (ZILBERMAN, 2012, p. 44).

Nesta perspectiva, deve-se pensar a relação escola-educador-educando como um conjunto indissociável de elementos que se complementam, estabelecem relação e dialogam e a Literatura como essencial neste processo. Por meio da leitura, o leitor percebe o outro, experimenta o novo, sem que, com isso, precise deixar de lado sua própria existência, ao contrário, estabelecendo relação e promovendo intersecções que levam à produção de sentido, não do que o autor pretendia originalmente, mas algo único e individual. Leitor e texto dialogam, encontram-se, criam significados e se completam, tendo na escola um papel fundamental ao auxiliar para que pessoas acessem e possam difundir esta relação para um número cada vez maior de pessoas das mais diversas classes sociais, localidades e realidades, por mais oprimidas que sejam.

Por se tratar de um projeto de governo, ainda nos mantemos na estrutura que Zilberman (2012) considera tradicional do ponto de vista da relação Leitura e Literatura, algo fundamentalmente ligado ao Estado, por meio do consumo de antologias selecionadas para os educandos. Contudo, mesmo apresentando uma proposta próxima ao que já existe no âmbito de ensino e leitura, as Olimpíadas podem ser um importante instrumento de pesquisa no momento em que não nos limitamos apenas às coletâneas, mas nos voltamos para aspecto central de sua existência – as narrativas dos estudantes.

Se por um lado pode-se afirmar que se trata de mais um caso clássico de processo de leitura e escrita como há anos ocorrem nas escolas, por outro temos um material produzido originalmente por jovens autores fora do cânon literário e que não podem ser ignorados apenas pelo fato de não serem validados por um mercado editorial ou pelo meio acadêmico. Ao contrário, por meio destas narrativas encontramos um precioso acervo de experiências e memórias de componentes fundamentais para se pensar um país – seu povo. Nestas primeiras experiências com a escrita que observamos lampejos de criatividade e de concretização de todo o processo de leitura e recepção do texto literário.




Como afirma Petit: “Não nos esqueçamos, o leitor não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, o interpreta, deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angústias entre as linhas e as mescla com a do autor” (PETIT, 2013, p. 27). Nesta premissa é que se dá a continuidade da pesquisa, observar e analisar como o Distrito Federal é representado a partir dos textos finalistas dos estudantes habitantes desta localidade do Brasil.

### **O resultado: a representação do Distrito Federal a partir das narrativas dos estudantes de escolas públicas**

O público alvo das Olimpíadas de Língua Portuguesa são os estudantes de escolas públicas das mais variadas regiões do Brasil. No caso específico do Distrito Federal, a maior parte destas não se situam propriamente no chamado Plano Piloto, centro de Brasília, mas sim em sua periferia nas chamadas Regiões Administrativas. Nestes locais à margem da imagem clássica da Capital e seu Congresso, encontramos seu verdadeiro povo. Cabe ressaltar que se trata de localidades de trânsito intenso devido ao fato do centro econômico da região se localizar no Plano Piloto e pelo fato de ser onde se encontra os principais pontos de trabalho, a vida cultural e espaços de lazer do DF (PAVIANI, 2001).

Por mais que tenhamos uma situação marginalizada em relação ao centro desenvolvido, para a pesquisa em questão, são nestes locais em que se encontram o grande contingente de estudantes que diariamente lotam a maior parte das salas de aula do DF. Pessoas que possuem dificuldade para manter as condições básicas de subsistência, ou seja, as quais o acesso à leitura se torna algo ainda mais restrito. Tratam-se de famílias com pouca ou nenhuma escolaridade, de maneira geral, e que apresentam dificuldade em ser exemplos para estes jovens de apreço pela Literatura. Para muitos desses adolescentes, a escola é o ambiente em que poderá conhecer bibliotecas, autores e obras pouco acessíveis pela falta de livrarias especializadas na localidade ou mesmo por falta de condições de compra devido aos altos preços dos livros, ainda mais pensando famílias que vivem de salário mínimo.

Como dito anteriormente, se por um lado a OLP traz uma estrutura didática presa ao padrão clássico de coletâneas, por outro o projeto serve como uma base de incentivo à leitura por parte destes estudantes e de apoio para vários docentes, relembrando o fato de




se assumir uma postura crítica do educador e não utilizar o material como única fonte para a preparação de suas aulas. A premissa do concurso possui pontos positivos por levar o estudante a pensar a si e sua comunidade e, posteriormente, utilizar sua criatividade como base para produções que refletem não só a importância da atividade de leitura realizada em aula, mas também da representação de seu lugar. Nestas obras originais de ilustres desconhecidos do mercado editorial brasileiro, encontramos uma base sólida de análise da importância da Literatura para esses educandos e como associam o que é lido à sua realidade a partir de seus próprios poemas, memórias e crônicas.

Todos os elementos citados sobre a realidade das Regiões Administrativas são representados a partir das palavras dos jovens finalistas da OLP que se encontram na região do Distrito Federal, tal como observado na memória Família Parreiras da estudante Suzianne do Nascimento da cidade de Taguatinga DF, selecionada no ano de 2008:

Chegando lá, percebi que tudo estava começando. As ruas não eram asfaltadas como hoje, eram de terra. Quando chovia era uma lama só e no tempo de seca era uma poeira muito grande!

Na cidade em construção havia quase todas as quadras, mas não todas as casas! Havia muitas casas para serem construídas. Eram de madeira, com pouco espaço. Não tinha água, pegava do poço. (MEC, 2008, p.73)

O gênero Memória da OLP possui como base os relatos de alguma pessoa da comunidade ou da família do educando, a partir das leituras dos textos literários em sala, oficinas e entrevistas realizadas. De tal modo, estas vozes de anônimos do DF transformam-se em narrativas que relatam a formação de uma cidade repleta de migrantes que vieram para sua construção e as dificuldades de seu início ainda sem moradia para todos. Para um habitante que conhece a realidade de Taguatinga, bem como outras localidades semelhantes, esta imagem antitética da lama e da poeira possuem um valor lírico, representam as estações de chuva e seca que marcam a passagem do ano em uma paisagem que por vezes beira o desértico, com umidade baixa, calor intenso e ventos cortantes que formam verdadeiras nuvens de areia nos céus do Planalto Central. Tais exemplos dos elementos físicos do espaço se mesclam com a dura condição do povo em meio a uma sociedade excludente e que faz de seu dia a dia uma luta constante por condições consideradas básicas como a de moradia. Se pelo ponto de vista da sociedade estes relatos são silenciados e não atingem o grande público, por meio do texto dos




estudantes elas ganham outras proporções ao serem transformada em narrativas. Neste ponto, a proposta da OLP dialoga com o que preceitua Lejeune:

Ao levar alguém a contar longamente sua vida, ao partir metodicamente em busca de seu desejo de falar, ao oferecer a escuta que ele estava precisando, desencadeia-se um processo capital para ele, revolve-se bruscamente em todo um passado que não estava forçosamente pedindo para ressurgir. A emoção ou a perturbação são por vezes profundas. O prazer também está presente certamente: a alegria de falar, a alegria principalmente de ser ouvido por alguém que, dessa forma, reconhece o valor de sua vida (LEJEUNE, 2014, p. 181).

O educando, ao valorizar o relato de um membro de sua comunidade mais antigo, conhece um pouco mais de si, de sua história e de seu local de fala. Não as ditas grandes temáticas que cercam a Literatura Ocidental, mas o mais cotidiano de habitantes de cidades periféricas. Na crônica *Beleza Cega* de Pedro Kennedy do ano de 2010, estudante do Núcleo Bandeirante, traz um contraponto para a visão que se tem de Brasília. Na narrativa em questão, um narrador jovem fica intrigado com o barulho ouvido durante uma viagem de ônibus que, como ele mesmo afirma, é “ao mesmo tempo, conhecido e estranho” (MEC, 2010, p.152). Com uma fluidez incrível, o autor descreve a angústia de um jovem estudante para saber de onde vem o som de música que inebria o ambiente. Temos repetições de frases que indicam o parar constante do ônibus, algo que reflete bem a realidade de quem utiliza o transporte público, com infinitas paradas e lotado de pessoas, o que é descrito no fato de estar em pé e não conseguir observar de onde vem o barulho pela multidão na qual a primazia do espaço é esperada. Como mencionado antes, observamos o deslocamento constante de pessoas das Regiões Administrativas para o centro por meio de um transporte público precário e que não suporta o volume das pessoas que necessitam de seu uso.

Mesmo com esta dura crítica à realidade do DF, encontramos uma análise consistente, real e poética do dia a dia do seu povo. Ao chegar ao final da viagem, a personagem descobre a origem do barulho tão familiar: “um cego tocando um pandeiro, passando toda sua alegria ao instrumento”. A condução dada à narrativa demonstra o cuidado do estudante ao compor sua crônica, um olhar para a sociedade que não possuem menos qualidade que as lidas em sala oriundas de escritores renomados. O desfecho do texto deixa claro a beleza apresentada no título: “Desço do ônibus com a certeza de que





a verdadeira beleza de Brasília não está nas curvas de Niemeyer e sim nas pessoas que dão vida à nossa cidade” (MEC, 2010, p.152).


De maneira semelhante, a Crônica Rumo à capital de Gabriel da Silva Soares, seleção de 2012, descreve os percalços das pessoas que habitam as localidades próximas à Brasília e necessitam de estar em trânsito diariamente para chegar ao trabalho. Nas palavras do autor: “Aonde vou, se reúnem muitas pessoas. Elas não se falam, apenas demonstram paciência, como os monges do Camboja. Aqui eles esperam o ônibus” (MEC, 2012, p.166). Mais uma vez, o meio público de locomoção se torna elemento fundamental para o olhar cronista do estudante, parte do cotidiano de quem habita grandes centros, gastando horas em veículos lotados e com pouca estrutura. A percepção não é somente da paciência da espera, mas também do conflito de realidades que se chocam no espaço do DF ao afirmar:

“A estrada de Santa Maria e a capital é longa, e existe uma grande fronteira de realidades distintas nessas estradas que ligam as cidades do entorno a Brasília.

Dizer que não existem injustiças sociais por aqui é como dizer que não há esquinas em Brasília” (MEC, 2012, p. 167)

O que observamos é uma visão da perspectiva dos habitantes das diferentes Regiões Administrativas do DF. É o conflito que marca as estruturas de Brasília, das mansões de luxo no Lago Sul aos lotes com várias habitações na qual famílias dividem um pequeno espaço de quarto, sala, cozinha e banheiro conjugados. A frase do autor faz um jogo a partir da clássica afirmação de “não haver esquinas em Brasília”, uma falácia tão grande quanto a de se pensar que não existem injustiças sociais. Ao término da crônica, as diferenças são colocadas em cheque: “As pessoas não percebem, mas estão interligadas. E quem se vê de longe? O que se vê? Sou parte desta ponte que liga os dois pontos” (IDEM, p. 167). Por mais que um abismo social separe os componentes das diversas partes do DF, no olhar do autor, enquanto indivíduos e parte de um todo, pertencentes a um lugar, são elementos integrantes, interligados e fundamentais para sua constituição.

Neste processo de formação do lugar de fala destes autores, um ponto é fundamental para se pensar a base do povo brasiliense – os processos migratórios que envolveram sua organização territorial. Por mais que se observe um processo de produção de identidade específica pelo fato de já haver uma massa de indivíduos nascidos no DF, porém descendentes diretos de migrantes de vários estados do Brasil (em especial alguns da




região Nordeste, Minas Gerais e Goiás). Para se pensar a identidade popular das Regiões Administrativas, temos que levar em conta esta relação direta entre a cultura de vários lugares e o fato da formação local ser recente (a inauguração de Brasília se dá no início dos anos 60). A crônica *Vozes de Tião* de Leticia Ganassini é uma amalgama desta realidade. No texto, a autora descreve a Região Administrativa de São Sebastião a partir de suas pessoas, seus pares, ou como poeticamente escolhe, seus Tiãos. São estes vários indivíduos chamados Sebastião que dão a verdadeira face da cidade, seja o Tião da areia, Tião do pão de queijo, Tião Borracheiro, Tião da biblioteca ou mesmo o mendigo Tião, chamado popularmente de Tião da praça.

Para lançar um olhar sobre a sociedade, a autora não busca se basear nas imagens tradicionais e bucólicas de representar uma cidade a partir de sua exuberante natureza, seus monumentos ou seus pontos turísticos, mas de outros elementos que formam sua identidade – seu povo. É nestes homens humildes, metáforas de toda uma população, e em suas funções da comunidade em que são parte que encontramos o real significado de São Sebastião, tal como afirma a autora: “E quantas vozes de Tião estão escondidas em becos e vielas de São Sebastião e quantas histórias ainda precisam ser contadas e quantos outros memoráveis Tiãos, que sabiamente nos ajudam a serem mais humanos, amigos e amáveis precisam ser descobertos pela cidade?” (MEC, 2014, p. 176).

### **Considerações finais**

Ao analisar o processo completo que constitui a Olimpíada de Língua Portuguesa, observamos que se trata de um fértil espaço para observação e pesquisa sobre a prática da leitura em sala de aula e de despertar o processo criativo por parte do estudante. Mais que procurar os pontos que não funcionam ou mesmo que mantêm padrões de ensino da Literatura, ao levarmos em conta as narrativas originais destes jovens oriundos das regiões menos favorecidas das capitais e centros urbanos, trazemos à baila uma perspectiva que está distante da produção literária centrada nos grandes interesses editoriais. Não se trata das obras compostas por uma elite intelectual detentora do conhecimento valorizado socialmente, mas as vozes anônimas e marginalizadas daqueles que são os verdadeiros alvos das pesquisas que tratam da importância da leitura e da Literatura no ambiente escolar.



São as leituras e as atividades desenvolvidas em sala de aula que entram em ressonância com o cotidiano destes estudantes e promovem uma nova experiência do ato de ler, seu prazer e sua fruição. É pelo saber e pelo conhecer a si e seu local de fala que o educando atinge a liberdade, fugindo de ficar à margem de seu tempo e participando do mundo da qual é componente (PETIT, 2013). Ao buscar o autoconhecimento, o adolescente sai de uma postura passiva e atua como sujeito e agente de seu tempo e de seu espaço. Pelas suas experiências é que a representação surge, solidifica e toma rumos ao que comumente analisamos na crítica literária a partir de autores já reconhecidos e da leitura de obras do cânon, aquelas que possuem valor no campo literário, tal como denomina Eagleton em *Teoria da Literatura: uma introdução* (2003). Contudo, se pensarmos que o escritor nada mais é que o leitor de outros autores, estes jovens se apropriam do que é lido para gerar sua maneira de recepção do texto literário e que não pode ser descartado ou posto numa posição de inferioridade na pesquisa em Literatura. Baseamos no que declara Michèle Petit:

Em ressonância com as palavras do autor, nos surgem palavras, palavras inéditas. É um pouco como se nos tornássemos o narrador daquilo que vivemos (PETIT, 2013, p.110).

Neste encontro entre palavras ditas e que são criadas que o estudante se torna narrador e sujeito de sua própria vivência. Se a partir das palavras contidas nas poesias, crônicas e memórias lidas em aula, ele abre caminhos para interpretar a si, é por meio de suas narrativas particulares que os vários conceitos e análises da leitura atingem seu ápice. Podemos até extrapolar o conceito de mera interpretação, mesmo porque se trata de representações de novos autores que surgem nestas seleções de narrativas finalistas. São exemplos de um trabalho que parte do âmbito pedagógico para a amplitude das concepções de mundo e de estar no mundo, funções que consideramos fundamentais da Literatura.

No cotidiano simples das Regiões Administrativas do Distrito Federal, encontramos as poesias e as metáforas de seu povo e de sua verdadeira constituição identitária enquanto lugar. Encerramos com o trecho final de *O colorido no céu de Taguatinga*, crônica de Rayanne Ferreira Aguiar, selecionada no ano de 2016, que resume todas as análises propostas e descreve a alegria pueril do período de fortes ventos nos quais os céus se tornam palco para o bailar constante das pipas: “Uma alegria! A pipa que

eu tanto admirava, estava agora em minhas mãos. Vejam só, mesmo com todos os problemas de cidade grande da minha Taguatinga, que envolvem violência, insegurança, grandes engarrafamentos e a correria do cotidiano, podemos sentir a felicidade em coisas simples” (MEC, 2016, p. 217).

### **Referências bibliográficas**

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltersin Dutra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 36 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- MEC. **Textos finalistas**. São Paulo: Ministério da Educação, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Textos finalistas**. São Paulo: Ministério da Educação, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Textos finalistas**. São Paulo: Ministério da Educação, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Textos finalistas**. São Paulo: Ministério da Educação, 2014.
- \_\_\_\_\_. **Textos finalistas**. São Paulo: Ministério da Educação, 2016.
- MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- PAVIANI, Aldo. **Brasília no contexto local e regional: urbanização e crise**. Artigo apresentado no seminário "Brasília: passado, presente e futuro", Brasília, 19 a 21 de setembro de 2001.
- PETIT, Michèle. **Leituras: do espaço íntimo ao espaço público**. Tradução Olga de Souza. São Paulo: Editor 34, 2013.
- ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino de literatura**. Curitiba: Intersaberes, 2012.
- ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção e leitura**. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.